Trinta mais uma odes
Xavier Zarco

TRINTA MAIS UMA ODES

Xavier Zarco

Obra:

O livro dos murmúrios, Palimage Editores, Viseu, Portugal, 1998

No rumor das águas, e-book, Virtualbooks, Brasil, 2001

Acordes de azul, e-book, Virtualbooks, Brasil, 2002

Palavras no vento, e-book, Virtualbooks, Brasil, 2003

In memoriam de John Lee Hooker, e-book, Virtualbooks, Brasil, 2003

Ordálio, e-book, Virtualbooks, Brasil, 2004

Hino de Santa Clara, *Poema vencedor do Concurso para a letra do Hino da Freguesia de Santa Clara, promovido pela Junta de Freguesia de Santa Clara, em 2004*, dvd, Junta de Freguesia de Santa Clara, Coimbra, Portugal, 2005

O guardador das águas, *Prémio de Poesia Vítor Matos e Sá - 2004, organizado pelo Conselho Científico da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em 2004*. Livro prefaciado por Andityas Soares de Moura, Mar da Palavra, Coimbra, Portugal, 2005

O ciclo do viandante, e-book, Virtualbooks, Brasil, 2005

O fogo A cinza*, Prémio de Poesia do Concurso Literário Manuel Maria Barbosa du Bocage - 2005, promovido pela LASA - Liga dos Amigos de Setúbal e Azeitão, em 2005*, LASA, Setúbal, 2005

Stanley Williams, e-book, Virtualbooks

À beira do silêncio, e-book, Virtualbooks, Brasil, 2006, Brasil, 2006

Monte maior sobre o Mondego, *Menção Honrosa (Poesia) do Prémio Literário Afonso Duarte - 2004, organizado pela Câmara Municipal de Montemor-o-Velho, em 2004,* e-book, ArcosOnline, Arcos de Valdevez, Portugal, 2006

Afluentes do poema, e-book, Virtualbooks, Brasil, 2006

Inédito:

O livro do regresso, Prémio de Poesia Raúl de Carvalho - 2005, promovido pela Câmara Municipal do Alvito, em 2005

*

Bebe a cicuta, Sócrates, que o tempo

Julga, serenamente, quem condena,

Do pensamento, o fruto.

*

Com o tempo, aprendi a olhar o mundo

Com olhos de menino

Como se cada instante revelasse

O eclodir de um poema.

*

Como é belo o poema quando nasce,

Álacre resultado da agonia,

    Corola que descobre

    A aglaia do momento

E se entrega a seus braços sem pudor.

Porque o poema é sol que se partilha.

    Não se guarda, nem cala

    A voz que o silencia.

*

Cumpramos nosso fado, musa minha,

O que os deuses nos deram a cumprir,

Sem escolha e sem dúvidas

Do caminho a seguir.

Tal como esta semente, que aceitou

Que será flor e fruto o seu destino,

Saibamos, musa minha,

O nosso assim viver.

*

Delos, berço de Artémis e Apolo,

Onde ninguém fenece, sequer nasce.

Delos nos braços dóceis

De Egeu, entre a partida

E a chegada talvez do sol, talvez.

*

Demoro o meu olhar na antigualha.

O que outrora existiu, agora é sombra.

Mas cada pedra canta,

Eleva a sua voz.

Quem me dera escutá-la, conhecer

Os ritos que a regiam, que a faziam

Ser qual ponto de luz

Nos trilhos tecido

Com mestria de Aracne e que o passar

Do tempo, qual Atena por despeito,

Seu corpo resumiu

Nas mãos de uma arandela.

*

Desígnios cruéis traçam os deuses.

Plácidos, resignados, aos mortais

Cumpre seguir caminho.

Adir um passo mais.

Mas pior que adiar o inadiável,

É tê-lo por amor não seu. Ser Ácis

No trilho de Polifemo,

No olhar de Galateia.

*

Dizes-me a flor de maio, o sol de agosto,

Mas tudo no seu tempo tem o tempo

Certo para saber

O seu próprio tempo.

Pois nada os deuses deram por acaso.

Tudo pulula, tudo cresce, tudo

Se rege no caminho

Pelo tempo traçado.

*

Em teu gesto, Anfitrite, acorda a voz

Das Nereidas. Aedo, escuto o mar

No ressoar das sílabas,

No evolar de um acorde.

Como se neste barco a noite fosse

A mesma em que furtei ao anfitálamo

O cativo poema

A que fiquei cativo.

*

Em tuas mãos, o cálamo, poeta,

É pedra, espada, ogiva que a memória

Em ti acorda. Charrua,

Terra, semente. Em ti, poeta, o cálamo

É princípio e fim, é tua calema

Por entre a voz dos tempos.

*

Escutemos o vento quando afaga

A casa onde deixámos nossa infância.

Sintamos na epiderme

Da cal, o suave ósculo

Do sol. Em cada imagem reflectida,

Repousemos o pássaro do sonho

E aprendamos a sílaba

Inaugural da vida.

Saibamos ser como este rio imenso

Que agora prova o sal do mar azul,

Que amou o tempo, as margens,

O fado que lhe deram.

Aos deuses, nada mais ouses pedir.

Também o sol, que tudo vê, resigna-se

A contemplar o mundo

No seu lento passar.

*

Eu sei que sou feliz nas calmas margens

Deste rio. O espectáculo do mundo

Desliza em suas águas.

Ou no meu olhar prenhe pelas Graças,

Por Talia, Eufresine e Aglaia que

Brincam em sua face.

*

Flores, lego-te flores, musa minha.

Em tuas mãos as deixo com rigor

Como um verso que nasce

Do ventre do poema.

As flores são perenes se esquecidas,

Mas eternas se em tuas mãos florirem

Como verso que brota

Na flor do teu sorriso.

*

Galaaz, é nas tuas mãos que guardo

O poema perfeito

Do mundo. O que indaguei pelas palavras,

Pelo ritmo dos homens,

Pelos gestos dos deuses que cifrados

Se expõem ao olhar.

*

Joga-se ao Livre Arbítrio no Olimpo,

Riem os deuses, lançam os seus dados.

Enquanto rodopiam,

Uma estrela fenece

E outra pelos caminhos dos mortais

Pelo chão se projecta. Os deuses riem.

É na dúvida do homem

Que os deuses são felizes.

*

Não condenais à morte, à escravatura,

Perpétua prisão. Cada palavra

Bebe de sua fonte

Suas próprias margens.

Pois não julgais, os deuses se resumem

À contemplação plácida e serena

Do poema erigido

No ritmo ao fado preso.

*

Não me deram por alma ser poeta,

Artífice da pedra na palavra,

Oculta pedra em templo

No Olimpo do poema.

Deram-me a ganga, o verbo sufragado

No supremo consílio dos deuses.

Esta mão e este olhar

No cultivo das sílabas.

A ninguém se concede por ofício

A íntegra escrita, o verso lapidado.

Não sangue, mas a veia,

Dédalo a decifrar.

*

Não queiramos tributo pelo gesto

Dado. Nada se pede a quem se dá.

Não há maior tributo

Que aquele que, qual Ândrocles, advém

Quando a vida na arena se resume.

*

Não promete a semente ser a flor.

Entrega-se ao rigor do seu desígnio

De demandar o sol,

De ser corpo de luz.

Não prometas palavras que não tens,

Nem rios e nem versos não nascidos.

Em cada boca nasce

A voz que a pronuncia.

*

Não vos trago ambrosia, nem esta âmbula

Acolhe vossos óleos.

Trago-vos poesia, meros versos

Sussurrados por Zéfiro.

Nesta ungida ara os deixo. Não são meus,

Pertencem a este tempo.

Somente os escrevi porque os vivi,

Nada mais... nada mais.

*

No alto empíreo, escuta Epimeteu

O epinício. Cântico que o vate

    Eleva sobre o campo

Onde a batalha atroz tinha cessado.

O que indaga no cântico, não é

A glorificação dos vencedores,

    Os heróicos momentos,

O pendão erguido. Era seus despojos:

O sangue derramado, a guerra, a fome,

A morte, a pestilência. A sua obra,

    Seu supremo legado.

O que nos deixou para sua glória.

*

No voo circular das aves, lê o áugure

Seu próprio destino.

O que se lhe revela

No dorso murmurante

Do azul, é o nascer do gesto de Átropo.

De súbito, o olhar cerra e o que deseja

É que a caligrafia

Suprema do poente,

Na ardósia celeste,

Em seu olhar pulule em outra sorte.

*

Observemos o rio que nos tolhe

Os passos quando o tempo no seu leito

Deitamos com rigor.

E aguardemos seu lento passar como

Se a vida fosse o rio e nós a água

Entre margens retida.

*

Os acordes acordam na palavra,

Na adormecida estrofe do poema.

São os olhos do sonho

Que os despertam do pó.

Ou, talvez, as mãos, pássaros fluentes

Na secreta alquimia da alvorada,

Do conjugar da música

De todas as chegadas.

*

Pela coorte brota um doce canto

Que os deuses, no mais puro deleite, ouvem.

Por sentirem a música

Na tez de cada gesto,

Reabrem os caminhos do desejo,

Acordam o desígnio do fogo,

A candura das águas,

A epiderme da terra.

Inventam tudo, espaço para os homens,

E a nossa condição de recriar.

Resignemo-nos, pois,

A olhar somente o rio.

Nada do que façamos poderá

Mudar seu rumo: o ensejo de ser mar.

*

Sente a palavra antiga, a que deram

Como moeda em troca de um silêncio.

    A dânaca na boca,

Na tua boca para que descubras

O sabor de ser nada. Ser retrato,

    Mero retrato ausente.

Quadro que se retira no solene

Ritual da galeria da memória

    Sob o olhar dos abutres

Que em círculo vigiam a tua obra,

A tua obra que como sua sentem

    Mesmo antes de ser nada.

*

Serenamente, ouçamos a canção

Do vento quando as suas mãos repousam

Na face do arvoredo.

Repara como a vida

Segue o seu curso. Nada os deuses deram

Por excesso. Há em tudo uma medida

Exacta. Mesmo o vento

Tem destino a cumprir.

A nós, resta o espectáculo da vida.

Contemplemos pois cada instante como

Criança na janela

Vendo um circo passar.

*

Serva de mui servir é esta candeia,

Esta voz que bordeja a cercadura

Do próprio verbo

Nado à flor do verso.

Serva a voz que regida rege o ritmo

E nos traz a candura do poema:

Uma serena imagem

Do mundo em movimento.

*

Tu quoque, fili mi,

Em tuas mãos me trazes o silêncio,

Essa palavra, fino

E frio fio, pátria sem nome,

De um punhal sem memória.

*

Uma dúvida nasce:

Pesa o corpo o caminho percorrido

Ou o báculo preso ao corpo pesa

O peso do caminho?

Mas nada o detém, nada o passo cessa,

Nada lhe é sem resposta. Tem caminho

E fé, o peregrino.

E nos beirais do olhar, possui uma ave

Que lhe desenha e guarda o seu destino.

*

Vem, entra nas palavras como um rio

Que abraça o mar. Procura um certo encanto.

A magia do verbo,

Semente de desejo.

Sabia de um caminho, de um instante

Em que o poema nasce do silêncio

Como um pássaro que abre

O olhar desperto ao voo.

Notas:

1. Na revista “Oficina de Poesia”, n.º 4, Palimage Editores, Viseu (Portugal), Dezembro de 2004, editaram-se as seguintes odes:

[Escutemos o vento quando afaga]

[Demoro o meu olhar na antigualha]

2. Na “Antologia Escritas 2”, Encontro de Escritas, Lisboa (Portugal), 2005, foram publicados os seguintes poemas:

[Não vos trago ambrosia, nem esta âmbula]

[Sente a palavra antiga, a que te deram]

[Pela coorte brota um doce canto]

[Serenamente, ouçamos a canção]